



*E*NSAIO POÉTICO



AUTA DE SOUZA

Uma poeta de múltiplas marcas culturais



Ana Laudelina Ferreira Gomes¹

RESUMO

Considera-se Auta de Souza (1876-1901) importante escritora oitocentista brasileira, numa época em que a escrita era considerada algo estrito ao universo masculino. Autodidata, venceu dificuldades da condição feminina e da tuberculose, escrevendo e publicando nas principais revistas e jornais literários do Rio Grande do Norte e outros veículos fora do estado. Exaltada pela crítica católica nacional, sua repercussão cultural amplia-se do campo literário, ao musical e religioso. Seus versos foram popularizados pelo cancionário da oralidade e ampliaram-se com novas composições atualíssimas, dadas as suas várias possibilidades melódicas. Consagrada pelo kardecismo, em obras de caridade, campanhas e instituições.

Palavras-chave: Auta de Souza. Escritoras Oitocentistas. Cancioneiro Popular. Kardecismo. Literatura Feminina.

AUTA DE SOUZA: a poet of multiple cultural imprints

ABSTRACT

Auta de Souza (1876-1901) is regarded as an important Brazilian writer of the nineteenth century, in a time that writing was considered ability restricted to the male universe. Autodidact, she bet the difficulties of belonging to the female gender and the tuberculosis, writing and publishing on the main literary magazines and newspapers in Rio Grande do Norte and other states vehicles. Exalted by the national catholic critic, her cultural influence goes from the literary field to the music and religious areas. Her verses turned popular through her song collection and became widely famous with new and modern compositions, due to their versatile melodic possibilities. She was acclaimed and recognized by the "kardecism" (spirits doctrine) in charity works, campaigns and institutions.

Keywords: Auta de Souza. Eighteenth Century Writers. Popular Song Collection. Kardecism. Female Literature.

¹ Professora adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: analaudelina@uol.com.br

1 UM POUCO DE TUDO SOBRE “MINHA” AUTA²

A poeta oitocentista potiguar Auta de Souza nasceu em Macaíba, Rio Grande do Norte, em setembro de 1876 e faleceu em Natal, vinte e quatro anos mais tarde, em fevereiro de 1901 vitimada pela tuberculose. Única menina de cinco irmãos ficou órfã aos cinco anos de idade e todos os filhos do casal - Eloy Castriciano de Souza e Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza - passaram a ser criados pela avó materna, Silvina Rodrigues de Paula, mais conhecida como Dindinha, senhora muito dedicada aos netos, que embora mestiça e analfabeta conseguiu assegurar-lhes a continuidade dos estudos até alçarem carreiras públicas de prestígio social, entre eles, dois grandes nomes para o Estado do Rio Grande do Norte: Eloy de Souza e Henrique Castriciano de Souza.

De família de posses e prestígio político, Auta de Souza foi alfabetizada em casa com professores particulares e, entre 1888 e 1890, estudou em um colégio de freiras vicentinas no Recife, onde aprendeu inglês, francês, literatura e o programa tradicional da época voltado para moças de escolas católicas, o que incluía farta literatura de caráter religioso. Foi sua única experiência de instrução formal, por isso mesmo a consideramos uma autodidata.

De volta ao Rio Grande do Norte, Auta de Souza começou a poetar em 1893 e, no ano seguinte, a publicar na imprensa local. Dos mais de trinta jornais então existentes no estado, foi colaboradora de cinco, sendo quatro deles considerados os mais importantes. Tuberculosa desde os quatorze anos, integrante da União Pia das Filhas de Maria (desde os tempos do Colégio), professora de catecismo em Macaíba, poetando sobre temas que remetem a Jesus, à Virgem Maria, e a outras figuras da cristandade, acabou sendo descoberta e surpreendendo a crítica católica nacional na segunda década do século XX. Em 1914, Jackson de Figueiredo, um de seus críticos de maior expoência, escreve uma obra sobre a poeta, apresentando-a como uma das mais altas expressões da poesia católica nas letras femininas brasileiras. Outros críticos seguem o mestre em semelhante parecer, como Nestor Victor, Perillo Gomes e Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athaide).

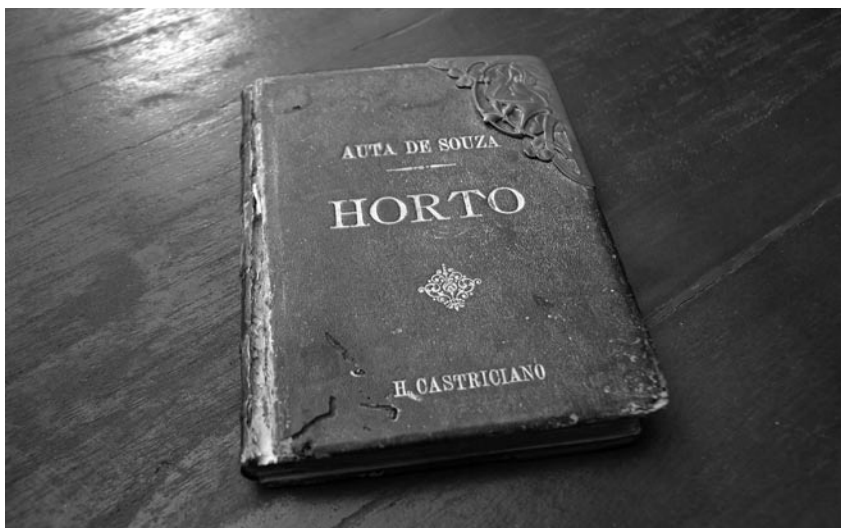
² Jogo de palavras fazendo alusão ao belíssimo filme de Almodóvar “Tudo sobre minha mãe” e ao mesmo tempo referenciando uma passagem da biografia que Cascudo escreve para Auta de Souza, onde diz algo assim: esta pode não ser a Auta verdadeira, mas é a minha.

Seu único livro, intitulado Horto, contou até 2007, com cinco edições: 1900, 1911, 1936, 1970 e 2001³. A primeira recebeu o Prefácio de Olavo Bilac, pessoa das relações de um dos irmãos da poeta. A segunda, foi organizada e contou com uma importante nota biográfica do irmão intelectual Henrique Castriciano de Souza. A terceira, trouxe o Prefácio de Alceu Amoroso Lima, outro grande representante da crítica católica do país. A quarta, inovou na apresentação de poemas que ainda mantinham-se somente no manuscrito Horto e que, por seleção do irmão Henrique Castriciano, vieram a público. A quinta, trouxe um estudo crítico reunindo vida e obra, síntese de tese de doutorado defendida em abril de 2000, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC de São Paulo. (GOMES, 2000).



Chanceler da FARN, Professora Noilde Ramalho expõe as obras escritas por Auta de Souza – Acervo da Escola Doméstica.

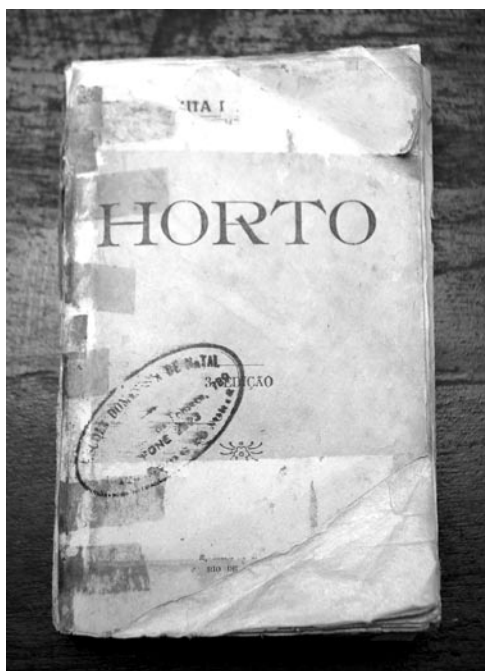
³ Em 2000, a Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, de Tabatinga-DF, lança uma edição que foi considerada por eles como a 5ª, mas segundo informações da EDUFRN esta não considerou do mesmo modo em face de não haver registro da mesma nos órgãos competentes, o que fez com que a EDUFRN publicasse a edição de 2001 como a 5ª, também. As ilustrações das capas dos livros, em suas várias edições, compõem o acervo da Escola Doméstica e foram concedidas pela Chanceler da FARN, Professora Noilde Ramalho (Foto 1).



Capa do primeiro livro, HORTO, na primeira edição, 1900.

Capa da segunda edição do livro Horto, 1911.





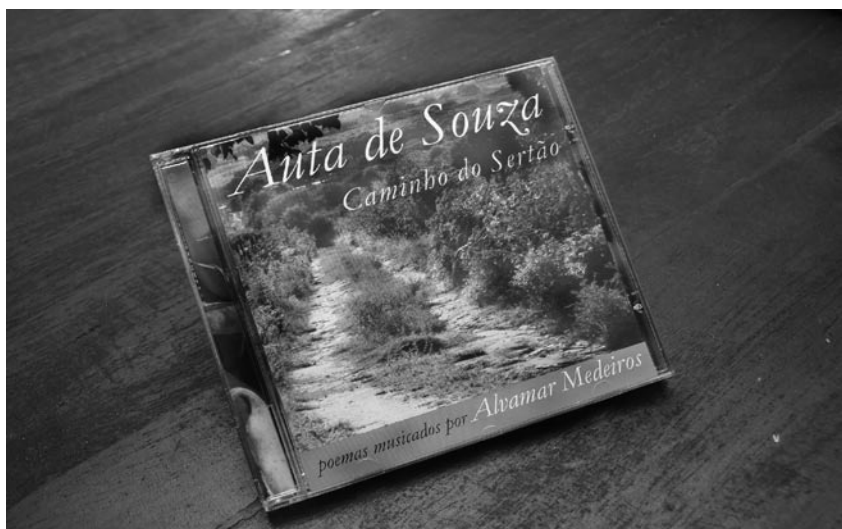
Capa da terceira edição do livro Horto, 1936.

Há controvérsia sobre o pertencimento literário de Auta de Souza - entre o romantismo e o simbolismo-, bem como sobre o caráter religioso de seus escritos, bem destacada pela pesquisadora Leão (1986), em sua dissertação de mestrado sobre Auta de Souza. Sua poesia faz ressoar temas universais, como a morte, a religiosidade e a infância. Os poemas geralmente tidos como meramente religiosos conseguem ganhar novos matizes em releituras de suas imagens, como fiz adotando o método do filósofo da imaginação Gaston Bachelard, também conhecido como método de leitura de imagens pelas imagens, afastando-me um pouco da trágica biografia que se tornou por tanto tempo emblemática da vida e obra de Auta. Então, ao lado da tristeza e do sofrimento, aparece a vontade de viver, e a vontade de escrever, de fazer da palavra fonte de vida.

Outros aspectos importantíssimos a destacar na memória de Auta de Souza são aqueles do cancionero tradicional de poemas seus que foram musicados por compositores regionais na passagem do século XIX para o XX e início

deste, permanecendo praticamente somente na oralidade até bem pouco tempo com o registro musical escrito pelo compositor e historiador musical Galvão (2001). O registro fonográfico só aconteceu para pouquíssimas destas canções.

Além deste cancionário tradicional, a poesia de Auta de Souza continua frutificando novas canções nos dias de hoje, como as musicadas por Alvar Medeiros e também as de Mirabô Dantas, que podem ser encontradas no CD "Auta de Luz" (MEDEIROS, 2006), e nos CDs "Mares Potiguarés" (DANTAS, 2005a) e "Auto do Natal" (DANTAS, 2005b). Canções populares que jamais diríamos que se trata de poemas do final do século XIX tal sua atualidade, principalmente em termos melódicos.



CD Caminho do Sertão, poemas musicados por Alvar Medeiros

Outra dimensão considerável da ressonância de Auta de Souza diz respeito a sua relação com o universo espírita kardecista brasileiro. Nele, a poeta é considerada uma mentora espiritual de ações de caridade e de obras de assistência, muito conhecida nacionalmente, havendo jornal, revista, entidades, centros espíritas por todo país e uma editora batizados com seu nome. O CD de Medeiros (Org., 2006) também traz musicados alguns poemas considerados psicografias de Auta de Souza,

dentre inúmeras que aconteceram desde os anos trinta quando Francisco Xavier, considerado pelos kardecistas o maior médium brasileiro, psicografou alguns pela primeira vez, publicados no seu livro Parnaso de Além Túmulo. Entre outras publicações esparsas, um conjunto de psicografias atribuídas ao espírito desencarnado de Auta de Souza foram publicadas em livro pela Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, de Tabatinga-DF.

Dos católicos aos kardecistas, passando pela memória oral de músicas cantadas aos pés dos berços, em serenatas, nas rodas das praias e em festejos religiosos católicos, Auta de Souza conseguiu criar uma obra que não se restringe ao seu belo e intenso livro Horto, embora evidentemente, ao lado de sua biografia, seja constantemente evocado estrela de maior grandeza na constelação de sua figura pública. Não sem razão, acreditamos que Auta de Souza foi, acima de tudo, poeta de alma e escritora de ofício.

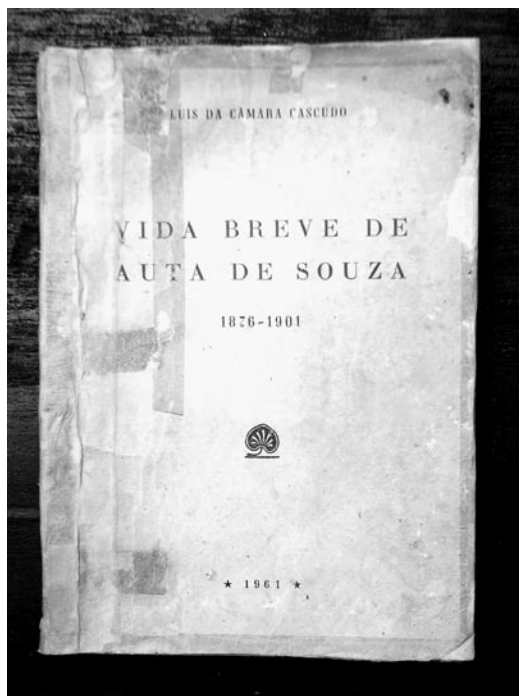
2 PENSARES E PESARES

*“Pensar é pesar”
Gaston Bachelard)*

Articulei o pensamento, partindo da idéia de que a qualidade de um poeta está relacionada principalmente à capacidade de suas imagens literárias continuarem ressoando dentro de nós leitores, independentemente da época em que elas foram produzidas, ou da corrente literária em que foi enquadrado seu autor. Penso nos poemas de Auta de Souza acreditando que o diálogo que a poeta estabelece com a história, com a memória, com as tradições, com toda a cultura da humanidade, é acima de tudo um diálogo criador.

Penso na sua vida trágica, que ficou tão marcada nas mentes dos apreciadores de sua poesia, como na de seus comentadores e daqueles que a tem como figura de devoção religiosa.

Penso na afetuosa biografia que lhe escreveu Cascudo (1961), emocionado ao compor a história da moça que levou aos braços quando era ainda um bebê, fazendo-lhe cessar o choro num embalo acolhedor.



Livro "Vida Breve de Auta de Souza",
escrito por Câmara Cascudo em 1961.

Penso no cancionero que deixou vivo na oralidade por quase um século, passando de geração em geração, revigorando-se na lembrança recorrente daqueles em cujas almas se fez cantar, deixando entreaberta a porta do baú empoirado onde descansa a nostalgia e a saudade.

Penso na apreciação laboriosa de comentadores ilustres, como a realizada pela denominada "crítica católica" brasileira, a colocar-lhe na posição de fiel representante da poesia católica no Brasil.

Penso no apreço que sua terra tem para com esta poeta querida dos potiguares e, no Brasil todo, dos kardecistas em geral.

Por todos estes pensares, e pesares, se pensarmos que pensar é pesar, como diz o filósofo Bachelard (1988), falar em Auta de Souza é falar numa força de profusão cultural.

Estudar e conhecer a vida de Auta de Souza e sua poesia é mergulhar no mundo das mulheres oitocentistas, de uma cultura e de uma sociedade que ainda não estavam preparadas para compreender que a produção intelectual, como toda criação, não depende do sexo do autor, pois ela está além das distinções sexuais e de gênero. Para marcar esta posição política, é que dentro da crítica literária feminista, há aqueles que preferem adotar a designação poeta no lugar de poetiza. Pois entendem que na história cultural das mulheres, a denominação poetiza comumente esteve associada a uma condição de menoridade intelectual, agregando, por vezes, certo tom pejorativo de viés sexista. Embora hoje, tanto uma quanto outra terminologia seja empregada quase que indistintamente, valendo a opção pessoal do autor ou comentador, prefiro optar pela palavra poeta por entender que ela nos ajuda a acentuar a marca andrógina de toda criação literária. Andrógina no sentido de aliar os princípios masculino (animus) e feminino (ânima) da psiquê, no sentido de ver que eles estão presentes simultaneamente, embora de modos e intensidades distintas, tanto no homem como na mulher⁴.

Auta de Souza foi uma das poucas escritoras oitocentista que contou com um considerável apreço da crítica literária brasileira ao longo do século XX. Em face do caráter transgressor que a escrita feminina representava no universo cultural oitocentista, acredito que isso se deve principalmente ao caráter religioso que foi conferido a seus escritos e à própria poeta⁵. O que era de se esperar, afinal, como já foi dito, foram os grandes “críticos católicos” que mais divulgaram sua obra no âmbito dos espaços literários oficiais.

No entanto, hoje, depois de todo um movimento de resgate de escritoras do passado que vem acontecendo em todo o Ocidente – e no Brasil nas últimas duas décadas-, já é possível ousar fazer leituras da obra um pouco mais desvinculadas desta conotação religiosa, a qual por tanto tempo predominou nas análises. O que não gostaríamos é de confundir sua poesia com mera oração, caracterizando-a como estrita literatura mística, ou mesmo destituindo-lhe o caráter de literatura e, por sua vez, o atributo de Auta de Souza como escritora. Hoje isso pode fazer pouco sentido, mas considerando a época em que escreveu faz sentido tal pontuação, pois escrever não era coisa de mulher, e tudo era feito para desvincular a mulher da pena e da autoria. Assim, a delimitação destas fronteiras, embora tão tênues, no caso das mulheres escritoras do passado, são importantes haja

⁴Princípios que Bachelard toma de empréstimo a Carl Jung e os remodela em “A poética do devaneio” (1988).

⁵Sobre isso consultar Gomes (2000).

vista todo um movimento de não reconhecimento literário dentro do cânone de então.

Assim, creio que a tentativa de categorizar Auta de Souza meramente como uma poeta mística significou, antes de tudo, um modo de apagar o caráter transgressor que a escrita feminina representava no século XIX, evidentemente não intencionalmente, uma vez que sua figura não se podia impingir o rechaço conferido a tantas outras escritoras suas contemporâneas, seja por escreverem sobre temas considerados “adocicados” ou por imprimirem em seus escritos uma marca política de emancipação feminina. Afinal, seus temas eram pertinentes aos de uma moça católica, modelo exemplar para as esposas e mães do ideário oitocentista, muito embora ela não tenha sido esposa nem mãe, mas devota.

Sem pretender conflitar questões de fé e/ou crenças religiosas de que procedência forem, sempre fiz questão de destacar nos meus escritos sobre Auta, a sua condição de poeta e, para tanto, o argumento que melhor me convenceu foi a leitura exaustiva de seus poemas, até que as imagens literárias “pulassem do livro” saltando aos olhos e ao coração.

São algumas destas imagens produzidas pela imaginação criadora da poeta, na interlocução com minha própria imaginação criadora, que trago aqui, num esforço de sensibilização do leitor, a riqueza da leitura e releitura continuada de seus poemas publicados no livro Horto, infelizmente com todas as edições esgotadas⁶.

3 AUTA FALANDO À MINHA IMAGINAÇÃO DE LEITORA : A POESIA, O POETA E O POETAR

Ao nos depararmos com uma imagem poética, entramos num mundo de polifônicos diálogos. O poeta é aquele que nos proporciona entrar em contato com as infinitas possibilidades do universo das pessoas e das coisas. Em Consolo Supremo, Auta nos fala destas possibilidades múltiplas:

Se há noites frias, escuras,
Também há noites formosas;
Há risos nas amarguras,
Entre espinhos nascem rosas. (SOUZA, 1970, p. 156).

⁶ A última edição é de 2001, para a qual fiz uma introdução-síntese de minha tese de doutorado sobre Auta de Souza. Consultar: Gomes (2001).

Se, com Bachelard (1988) posso dizer que poetar é trazer à tona o devaneio poético que vive em nós e levar este devaneio para dinamizar o mundo das idéias, ao lermos um poema, ele não só também nos lê, como nos dinamiza. Decifra-nos sobretudo como espécie de deuses que somos na imensa capacidade que tem nossa imaginação em criar mundos nunca vistos, nunca antes experienciados. Mas a poesia é capaz tanto de criar como de matar deuses. Pela poesia, o poeta se torna o que bem quiser, como Auta nos conta em Boémias:



Quando me vires chorar,
Que sou infeliz não creias;
Eu choro porque no Mar
Nem sempre cantam sereias.

Choro porque, no Infinito,
As estrelas luminosas
Choram o orvalho bendito,
Que faz desabrochar as rosas.

Do lábio o consolo santo
É o riso que vem cantando...
O riso do olhar é o pranto:
Meus olhos riem chorando. [...]
(SOUZA, 1970, p. 119).

A poesia como o bobo da corte, pode ser trapaceira, irônica, brincar com uma realidade velada, escondidinha atrás da porta. Fazer emergir de modo divertido, o que não poderia ser dito de outra maneira, a ela é permitido até falar sobre temas tabu. Auta sabia disso e soube brincar com as palavras e dizer de modo lúdico o que não era muito apropriado para ser dito por a uma mulher de sua época, mesmo a uma escritora, como no poema Versos Ligeiros:

Minh'alma nunca se cansa
De vê-la, assim, tão divina,
Sempre formosa e criança
Com seu perfil de menina.

Às vezes, eu olho-a tanto,
Com tanta veneração
Que fico muda de espanto,
Depois da contemplação.

É verdade que não faz
Mal nenhum fitá-la assim...
Meu Deus! se eu fosse rapaz
O que diriam de mim?!
(SOUZA, 1970, p. 77)

A poesia é da ordem de um tempo não enquadrado no espaço de uma duração, mas da ordem daquilo que não tem começo, meio, e fim. Não é linear e encadeada de modo contínuo, a poesia é descontinuidade e por isso mesmo possibilidade de novidade. Por isso, a poesia é o outro lado da ciência, é uma outra forma de conhecimento sobre a realidade, é a outra face da realidade; quer dizer então que ciência e poesia podem dialogar⁷. Através das imagens literárias, posso ser, ao mesmo tempo, uno e múltiplos, tudo e nada, antítese de ambivalências. Dessa alquimia surge o devaneio cósmico, no qual o céu cristão pode ser vinculado culturalmente, sendo parte deste cosmos para o qual o homem pode se voltar e, em sua contemplação, saber que é capaz de voar, capaz de criar vida nova, vida dinamizada pelo Azul Imenso. Assim também pensei em relação ao céu que Auta vai falar em Sancta Virgo Virginum: céu espaço de devaneio cósmico:

Ó Santa estremecida,
Formosa e imaculada!
Estrela abençoada
Do Céu de minha vida!

[...]

Envolve no teu véu
A minha triste sorte,
E mostra-me na morte
A porta de teu Céu!
(SOUZA, 1970, p. 88-89).

Por vezes, o céu poético está tão distante do mundo das formas e símbolos, é tão dinamizado que aparece invertido, como no poema O que são estrelas:

Ai! quantas vezes eu cismo,
À noite, olhando as estrelas.
Como quem sonda um abismo:
Meu Deus! O que serão elas?
(SOUZA, 1970, p. 115).

Um céu invertido pela qualidade que a imaginação da poeta nele imprimiu, pode ser pensado como um céu que abriga o acolhimento de um embalo à alma liberta:

E enquanto cismo, respondem
Os astros, brancos arminhos:
Nós somos berços que escondem
As almas dos passarinhos.
(SOUZA, 1970, p. 116).

Por vezes, é um céu duplicado, como dois olhos espelhos a revelar a alma da poeta, como em Versos à Inah:

[...]
Teus lindos olhos castos e sagrados,
Ingénuos como os olhos das crianças,
Pareciam dois céus imaculados,
Tão azuis como as minhas esperanças
[...] (SOUZA, 1970, p. 140).

Não se prendendo ao tempo cronológico do relógio, Bachelard (1988) vai nos dizer que a poesia não tem passado, nem memória, é instantânea, manifestação concreta de todos os inícios, por isso, novidade, tempo este que aparece em Goivos:

⁷ Morin (1996), concorda com este ponto de vista; o sociólogo Santos (2002) dá pistas de como isso poderia acontecer.

Que tempo estive, não sei!
Do mundo inteiro distante,
O jardim, naquele instante,
Foi à terra que eu amei.
(SOUZA, 1970, p.41).

Seres animados que somos, a poesia existe para nos restituir o encanto por vezes perdido. Reencantamo-nos com o poder mágico das imagens poéticas, como Auta nos faz perceber no poema Num leque:

Na gaze loura deste leque adeja
Não sei que aroma místico e encantado ...
Doce morena! Abençoado seja
O doce aroma de teu leque amado

Quando o entreabres, a sorrir, na Igreja,
O templo inteiro fica embalsamado...
Até minh'alma carinhosa o beija,
Como a toalha de um altar sagrado
E enquanto o aroma inebriante voa,
Unido aos hinos que, no coro, entoas
A voz de um órgão soluçando dores,

Só me parece que o choroso canto
Sobe da gaze de teu leque santo,
Cheio de luz e de perfume e flores!
(SOUZA, 1970, p. 58).

Mas, às vezes, a novidade que o poeta faz jorrar com suas imagens é tamanha que ele precisa criar palavras novas, inventar. O poeta é um profeta. No poema O Horto, Auta põe na boca de Jesus suas profecias:

[...]
'Filha adorada que o teu gemido
Ergueste n' asa de uma oração,
Na treva escura sempre envolvido,
Por que soluça teu coração?

Levanta os olhos para o meu rosto,
Que a vista dele foge o Desgosto.

Não tenhas medo do sofrimento.
Ele é a escada do Paraíso...
Contempla os astros do firmamento,
Doces reflexos de meu sorriso.

Não pensa em dores nem canta mágoas,
A garça nívea fitando as águas.

Sigo-te os passos por toda parte,
Vivo contigo como um irmão.
Acaso posso desamparar-te
Quando me trazes no coração?

Nas oliveiras do mesmo Horto,
Enquanto orares, terás conforto.
[...]
Mesmo das noites a mais sombria
Sempre conduz-nos à luz do dia'.
(SOUZA, 1970, p. 20)

A poesia é também o espaço da dúvida, de movimentos contrários que habitam um mesmo ser, o dentro e o fora, a introversão e a extroversão, a imensidão íntima, como no poema Súplica.

Se tudo foge e tudo desaparece,
Se tudo cai ao vento da Desgraça,
Se a vida é o sopro que nos lábios passa
Gelando o ardor da derradeira prece;

Se o sonho chora e geme e desfalece
Dentro do coração que o amor enlaça,
Se a rosa murcha ainda em botão, e a graça
Da moça foge quando a idade cresce;

Se Deus transforma em sua lei tão pura
A dor das almas que o Ideal tortura
Na demência feliz de pobres loucos ...

Se a água do rio para o oceano corre,
Se tudo cai, Senhor! por que não morre
A dor sem fim que me devora aos poucos?
(SOUZA, 1970, p.244)

A poesia é esta possibilidade infinda de gerar pensamento novo, vida nova, romper com as amarras de nossa biografia e de nossas crenças cristalizadas, nos guiando por vozes longínquas que ecoam, que cochicham em nossa imaginação, como aparece em Fio Partido:

Fugir à mágoa terrena E ao sonho, que faz sofrer,
Deixar o mundo sem pena
Será morrer?

Fugir neste anseio infindo
À treva do anoitecer,
Buscar a aurora sorrindo
Será morrer?

E ao grito que a dor arranca
E o coração faz tremer,
Voar uma pomba branca
Será morrer?

Lá vai a pomba voando
Livre, através dos espaços ...
Sacode as asas cantando: '
'Quebrei meus laços!'

Aqui na amplidão liberta,
Quem pode deter-me os passos?
Deixei a prisão deserta,
Quebrei meus laços!

Jesus, este voo infindo
Há de amparar-me nos braços
Enquanto eu direi sorrindo:
Quebrei meus laços!
(SOUZA, 1970, p.248).

Para finalizar esse ensaio sobre a poesia de Auta de Souza, deixarei que seu poema Minh'alma e o verso nos revelem um pouco mais do sentido de sua relação com a escrita:

E foi assim ... Num dia muito frio.
Achei meu seio de ilusões vazio
E o coração chorando ...
Era o meu ideal que se ia embora,
E eu soluçava, enquanto alguém lá fora
Baixinho ia cantando:

'Eu sou o orvalho sagrado
Que dá vida e alento às flores;
Eu sou o bálsamo amado
Que sara todas as dores.

Eu sou o pequeno cofre
Que guarda os risos da Aurora;
Perto de mim ninguém sofre,
Perto de mim ninguém chora.

Todos os dias bem cedo
Eu saio a procurar lírios,
Para enfeitar em segredo
A negra cruz dos martírios.

Vem para mim, alma triste
Que soluça de agonia;
No meu seio o Amor existe,
Eu sou filho da Poesia'

Meu coração despiu toda a amargura,
Embalado na mística doçura
Da voz que ressoava ...
Presa do Amor na delirante calma,
Eu fui abrir as portas de minh'alma
Ao verso que passava ...
Desde esse dia, nunca mais deixei-o;
Ele vive cantando no meu seio,
Numa algazarra louca!
Que seria de mim se ele fugisse,
Que seria de mim se não ouvisse
A voz de sua boca!
[...] (SOUZA, 1970, p.198).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Instante poético e instante metafísico. In: _____. **O direito de sonhar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994. p. 183-189.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Vida breve de Auta de Souza: 1876-1901**. Recife: Imprensa Oficial, 1961.

_____. **Nosso amigo Castriciano: 1874-1947**. Recife: Imprensa Universitária, 1965.

DANTAS, Mirabô. **Mares Potiguares**. Produzido por Jorge Lima. Natal: Megafone Estúdio, 2005. 1 CD.

_____. **Auto do Natal 2005**: Jesus de Natal. Natal: Studium Jota Marciano, 2005. 1 CD.

FIGUEIREDO, Jackson de. **Auta de Souza**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital. Riprografia do Anuario do Brasil, 1924. (Coleção Eduardo Prado, Série C).

GALVÃO, Cláudio. **Cancioneiro de Auta de Souza**. Natal: Fundação José Augusto; EDUFRN, 2001.

GOMES, Ana Laudelina Ferreira. **Auta de Souza**: representações culturais e imaginação poética, 2000. 340f. Tese (Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Auta de Souza e a escrita feminina nos oitocentos. **Cronos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v. 1. n.2, p.49-60, jul./dez. 2000.

_____. Introdução para um estudo da vida e obra de Auta de Souza. In: SOUZA, Auta. **Horto**. Natal: EDUFRN, 2001, p.21-61. (Coleção Nordeste).

_____. A demiurgia da mão no cosmo poético de Sertania, de Nivaldete Ferreira. **Cronos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Natal, v. 4, n.1/2, p.49-56, jan./dez. 2003.

_____. Auta de Souza: poemas musicados e tradição oral. In: SEMANA DE HUMANIDADES DO CCHLA – UFRN, 15, 2007, Natal. **Anais...** Natal: CCHLA, 2007. p.7.

GOMES, Perillo. **Ensaio de crítica doutrinária**. Rio de Janeiro: Centro Dom Vital, 1923, (Coleção Eduardo Prado, Série C)

_____. Auta de Souza e a escrita feminina nos oitocentos. **Cronos**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v.1. n.2, p.49-60, jul./dez. 2000.

LEÃO, Nalva. **A obra poética de Auta de Souza**. Florianópolis, 1986. 230f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1986.

LIMA, Alceu Amoroso. Prefácio à 3ª. Edição. In: SOUZA, Auta. **Horto**. 4.ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p.9-11.

MEDEIROS, Alvarado (Org.). **Auta de Luz**: poemas de Auta de Souza. Natal: Studium Jota Marciano, 2006. 1 CD.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v.1).

SOUZA, Auta. **Dhálías**. [S.l.: s.n., 1893-1897]. Manuscrito.

_____. **Horto**. [S.l.: s.n., 1893-1898]. Manuscrito.

_____. **Horto**. Natal: Tipografia d'República, Biblioteca do Grêmio Polimático, 1900.

_____. **Horto**. 2. ed. Paris: Aillaud Alves e Cia., 1910.

_____. **Horto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1936.

_____. **Horto**. 4. ed. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

_____. **Horto**. Brasília: Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza, 2000.

_____. **Horto**. 5. ed. Natal: EDUFRN, 2001.

SOUZA, Eloy. **Memórias**. Natal: Fundação José Augusto, 1975.

SOUZA, Henrique Castriciano de. Nota. In: SOUZA, Auta. **Horto**. Natal: Fundação José Augusto, 1970. p.249-251.

VICTOR, Nestor. **A crítica de ontem**. Rio de Janeiro: Leite e Ribeiro & Maurilho, 1919.

XAVIER, Francisco Cândido. **Auta de Souza**: poemas psicografados. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1991.

